

PROGRAMA DE SALA

# O REGRESSO DE DON QUIXOTE

*Em parceria com o  
À Corda Cello Festival*

© ELMER DE HAAS

27 SET 19H  
CONVENTO S. FRANCISCO  
COIMBRA

VOLONCELO ALEXANDRE ALVAREZ  
VIOLA PEDRO SAGLIMBENI MUÑOZ  
DIREÇÃO MUSICAL NUNO COELHO  
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

**opart**  
ORGANISMO  
DE PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA, EPE

**TNSC**  
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

**À CORDA**  
CELLO FESTIVAL

2026—27

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

# Convento de São Francisco, Coimbra

27 de setembro de 2026, às 19h00

## *O REGRESSO DE DON QUIXOTE*

Joaquín Turina (1882-1949)

*Danzas fantásticas*, Op. 22

*I. Exaltación*

*II. Ensueño*

«Las cuerdas de la guitarra, al sonar. eran como lamentos, de un alma que no pudiera más con el peso de la amargura» - José Más.

*III. Orgía*

«El perfume de las flores se confundía con el olor de la manzanilla y del fondo de las estrechas copas, llenas del vino incomparable, como un incienso, un se elevaba la alegría»- José Más.

Richard Strauss (1864-1949)

*Don Quixote*, Op. 35

*Fantastische Variationen über ein Thema ritterlichen Charakters.*

*I. Introdução*

*II. Tema e Variações*

*III. Final*

Violoncelo **Alexandre Alvarez**

Viola **Pedro Saglimbeni Muñoz**

Direção musical **Nuno Coelho**

**Orquestra Sinfónica Portuguesa**

Duração aproximada: 60 minutos

# *Ares de Espanha*

Natural de Sevilha, Joaquín Turina (1882-1949) foi um reputado compositor espanhol, relevante no meio musical madrileno da primeira metade do século XX. Frequentemente comparada com a produção de Isaac Albéniz (1860-1909), Enrique Granados (1867-1916) ou Manuel de Falla (1876-1946), a obra de Turina não gozou sempre da mesma receção conferida à música dos seus pares espanhóis, particularmente à de Falla, com quem, aliás, Turina desenvolveu uma amizade próxima (o facto de Turina ter permanecido em Espanha durante o período da ditadura franquista – tendo, inclusivamente, sido nomeado, em 1941, *Comisario General de la Música* – terá contribuído para as reservas que, posteriormente, pairaram sobre a imagem do compositor).

Após uma primeira curta passagem por Madrid (onde estudou piano, a partir de 1902, no Real Conservatório Superior de Música), Turina rumou a Paris, em 1905, em busca de orientação artística na área da composição. Na capital francesa, aprofundou a sua técnica pianística e realizou o plano de estudos em composição da Schola Cantorum, sob a orientação de Vincent d'Indy (1851-1931) – que lhe proporcionou uma sólida formação, alicerçada na tradição franco-alemã –, muito embora tenha sido difícil escapar à influência das novidades propostas por Claude Debussy (1862-1918) e outros antagonistas da Schola Cantorum, com quem Turina também teve oportunidade de contactar durante a sua estada em Paris.

O regresso do compositor sevilhano a Madrid (onde haveria de residir até ao final da sua vida) aconteceu em 1914. Por esta altura, a linguagem musical de Turina conciliava o cosmopolitismo europeu com as raízes

ibéricas do compositor, numa combinação entre rigor formal, harmonias impressionistas e espontaneidade de inspiração popular. Escrita por Turina em 1919, a obra *Danzas fantásticas*, Op. 22, testemunha, justamente, a solidez técnica do compositor e o tratamento erudito e estilizado conferido a material musical proveniente de uma matriz tradicional (refletindo um afastamento deliberado das convenções associadas ao «exotismo de postal», frequentemente explorado no contexto do nacionalismo oitocentista). No caso, Turina integra estruturas rítmicas de três danças espanholas – a jota aragonesa, o *zortziko* basco (em compasso 5/8) e a *farruca andaluza* – nos três andamentos que compõem a obra. Embora não haja intenção de descrever uma narrativa concreta, cada andamento é antecedido por um excerto retirado da obra *La orgía* (de 1919), de José Más (1885-1941), sugerindo uma determinada atmosfera sensorial. Originalmente escrita para piano (instrumento ao qual Turina dedicou a maior parte do seu catálogo), a peça foi dada a conhecer ao público primeiramente na sua versão para orquestra (no Teatro Price, em Madrid, no dia 13 de fevereiro de 1920), que se distingue pelo seu refinamento harmónico e colorido tímbrico.

Na segunda parte do programa, a identidade cultural espanhola manifesta-se sob o filtro da sensibilidade do compositor alemão Richard Strauss (1864-1949) que, no poema sinfónico *Don Quixote*, Op. 35, evoca uma das personagens mais emblemáticas da literatura ibérica, surgida da pena de Miguel Cervantes (1547-1616).

Por altura do final do século XIX, Richard Strauss era amplamente reconhecido como digno herdeiro do legado da Nova Escola Alemã: o compositor tinha assumido a conceção de Franz Liszt (1811-1886), no domínio do poema sinfónico, e haveria de traçar, praticamente sozinho, o

rumo que a ópera alemã viria a tomar no início do século que estava para começar.

No que respeita ao capítulo do género sinfónico de índole programática, pode dizer-se que *Don Juan* – poema sinfónico sobre o lendário sedutor, composto por Strauss entre 1888 e 1889 – se assume como um primeiro marco na produção do mestre alemão, deixando a descoberto a escrita de um jovem criador já dotado de uma linguagem própria e revelando, simultaneamente, a voz de um compositor de ópera em embrião, hábil na descrição, em poucos compassos, do carácter de cada personagem da narrativa (sem necessidade de recorrer à palavra). Escrita em 1897, a partitura de *Don Quixote* surge na sequência do triunfo que Strauss também havia conquistado com as obras *Till Eulenspiegel* (de 1895) e a célebre *Assim falava Zaratustra* (de 1896), e representa um notável avanço em termos de escala e ambição. A peça – subintitulada *variações fantásticas sobre um tema de carácter cavalheiresco* – divide-se em três partes: uma introdução, dez variações e uma coda final, providenciando, respetivamente, o retrato do *engenhoso fidalgo* (e do seu fiel escudeiro, Sancho Pança), a descrição das suas desventuras e o relato da morte do protagonista. A esta estrutura acresce uma dimensão concertante, pois Strauss associa as personagens do romance a instrumentos solistas específicos, sendo o papel do *cavaleiro da triste figura* encarnado pelo violoncelo solo (o papel de Sancho Pança é maioritariamente atribuído à parte de viola solo). Do ponto de vista da orquestração, a partitura revela o nível de excelência alcançado pelo compositor, evidenciado pela forma inovadora como Strauss usa os instrumentos para criar imagens sonoras concretas e precisas (as passagens em *flutterzunge* das trompas e dos trompetes com surdina na segunda variação, para simular o balido das ovelhas contra quem, na narrativa de Cervantes, o protagonista investe, por

confundi-las com um exército inimigo; a introdução da máquina de vento na sétima variação, para ilustrar o episódio em que Don Quixote e Sancho Pança montam um cavalo de madeira, acreditando que este voa pelos ares; e o efeito das cordas em «*pizzicato* de estalido» na oitava variação, para mimetizar a água a escorrer da roupa encharcada dos dois aventureiros, no episódio passado num velho barco abandonado no rio Ebro). Em suma: de carácter tragicómico, ousada no tratamento formal e harmónico, a partitura afirma-se como um magistral exemplo de virtuosismo instrumental.

## SÓNIA GONÇALVES DA SILVA

Musicóloga



JOAQUÍN  
TURINA

(1882-1949)



RICHARD  
STRAUSS

(1864-1949)



© FÁBIO CUNHA

# ALEXANDRE ALVAREZ

Violoncelo

Alexandre Alvarez é violoncelista solista da Orquestra Sinfónica Portuguesa do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Desde muito cedo, apaixonou-se pela música graças aos seus pais, músicos e professores. Licenciado com um mestrado em solista, ambos distinguidos com o Prémio Denis Mérygnac e o Prémio Pierre Fernex, e também com um mestrado em pedagogia, prosseguiu os seus estudos participando na Academia Jaroussky, onde teve a oportunidade de conhecer grandes mestres, como Gauthier Capuçon, Gary Hoffmann e Maria Kliegel. Durante os seus estudos, conquistou o 1.º Prémio do Concurso Glazounov e o 2.º Prémio do Concurso Tremplin. Apaixonado pela música de câmara, formou-se com o Quarteto Manfred, o Quarteto Voce, Jean-Jacques Balet e Gabor Takács-Nagy. O ensino e a composição são-lhe muito queridos. Transmitir é, para ele, um dever. A trajetória profissional de Alexandre Alvarez testemunha um profundo empenho pela música, aliando virtuosismo, pedagogia e criatividade.



© ZEMARIARA

# PEDRO SAGLIMBENI MUÑOZ

Viola

Natural da Venezuela, com formação no Sistema Orquestral Venezuelano. Prosseguiu os seus estudos na Alemanha e, na Polónia, na European Mozart Academy, em Cracóvia. No âmbito orquestral, exerceu o cargo de viola principal na Orquestra Sinfónica de Lara, na Filarmónica Rhodanien (França), na Orquestra do Norte, e foi convidado na Orquestra Gulbenkian, na Orquestra Nacional do Porto e na Brussels Philarmomic. Em música de câmara, apresentou-se em diversos países, incluindo Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha, França, Itália, Alemanha, Noruega, Bélgica, Polónia, Hungria, República Checa e Inglaterra. Atualmente, é viola principal da Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 1996, professor na Escola Superior de Música de Lisboa e violista solista da Camerata Atlântica. É especialista em Música pelo Instituto Politécnico de Lisboa. Lecionou *masterclasses* em Steinen (Alemanha), na Universidade de Gotemburgo (Suécia) e no Conservatório Prince Claus, em Groningen (Holanda).



© ANDREJ GRILC

# NUNO COELHO

Direção musical

É, desde outubro de 2022, maestro principal da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias. Na presente temporada, Nuno Coelho regressa à Sinfónica de Stavanger, à Filarmónica de Tampere, à Sinfónica de Hamburgo e à Orquestra Gulbenkian. Fará a sua estreia com a Sinfónica de Toronto, com a Sinfónica Royal Northern e com a Orquestra Tonkünstler na Musikverein de Viena. De espetáculos recentes, destacam-se os concertos com a Filarmónica da Rádio dos Países Baixos, com a Orquestra do Minnesota, com a Sinfónica Escocesa da BBC e com a Sinfónica da BBC. Dirigiu uma versão semicencenada de *Così fan tutte*, o projeto *Don Giovanni* ou *O dissoluto absolvido* (Mozart/Saramago) e uma produção encenada por Lemi Ponifasio de *Das Lied von der Erde* de Mahler, no Barbican Centre, com a orquestra de câmara Sinfonia Britten. Regressará à Ópera de Oviedo, em dezembro de 2026, para a *Manon Lescaut*. Nuno Coelho é o fundador e o diretor artístico da Academia Internacional de Música do Mondego, e já dirigiu a Jovem Orquestra Nacional de Espanha, bem como a Jovem Orquestra dos Países Baixos.



© BRUNO SIMÃO

# ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

# FICHA TÉCNICA

© BRUNO SIMÃO



# ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

## I Violinos

Alexis Hatch  
Alexander Stewart  
Veliyana Yordanova  
Leonid Bykov  
Felix Duarte  
Margareta Sandros  
Alexander Mladenov  
Nicholas Cooke  
Anabela Guerreiro  
Miguel Ferreira  
António Figueiredo  
Regina Stewart  
Ewa Michalska  
Iskrena Yordanova  
Matilde Araujo\*  
Alexandre Arutyunyan\*

## II Violinos

Paula Carneiro  
Rui Guerreiro  
Nariné Dellalian  
Tomás Soares  
Maria Bykova  
Kamelia Dimitrova  
David Ascensão  
Inna Calori  
Slawomir Sadlowski  
Carmélia Silva  
Flávia Marques  
Witold Dziuba  
Katarina Majewska  
Sara Cymbron  
Tomás Costa  
Catarina Sá Duarte\*

## Violas

Pedro Saglimbeni Muñoz  
Ceciliu Isfan  
Cecile Pays  
Irma Skenderi  
Ventzislav Grigorov  
Vladimir Demirev  
Sandra Moura  
Isabel Pereira  
Etelka Dudas  
Joana Silva\*  
Sara Farinha\*  
Francisca Fins\*

## Violoncelos

Hilary Alper  
Ajda Zupancic  
Diana Savova  
Fernando Costa\*  
Luís Clode  
Ana Luísa Marques\*  
Daniela Brito\*  
Emídio Coutinho  
João Matos  
Leonor Moniz\*

## Contrabaixos

Diogo Pereira  
Duncan Fox  
Anita Hinkova  
Pedro Bettencourt  
Rafael Aguiar  
José Mira  
João Diogo

Reforços\*

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Flautas

Ana Baganha  
Ana Catarina Costa\*  
Rui Matos

Oboés

João Barroso  
Luís Marques  
Elizabeth Kicks

Clarinetes

Joaquim Ribeiro  
Cândida Oliveira  
Jorge Trindade

Fagotes

David Harrison  
Roberto Erculiani  
Carolino Carreira  
Joana Maia

Trompas

STRAUSS / TURINA  
Luís Vieira / Paulo Guerreiro  
Carlos Rosado / Augusto Rodrigues  
Laurent Rossi / Laurent Rossi  
Tracy Nabais / Tracy Nabais  
Paulo Guerreiro  
Augusto Rodrigues

Trompetes

Jorge Almeida  
Pedro Monteiro  
António Quítalo

Trombones

Hugo Assunção  
Vítor Faria  
Joaquim Rocha

Eufónio

Gabriel Silva\*

Tuba

Ilídio Massacote

Tímpanos

Elizabeth Davis

Percussão

André Castro  
Cristiano Rios\*  
Lídio Correia

Harpa

Carmen Cardeal

Reforços\*

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Conceição Amaral *Presidente*

Sofia Meneses *Vogal*

Direção Artística

Pedro Amaral

Bilheteira São Carlos na Boa Hora

Largo da Boa Hora, n.º 12

1200-289 Lisboa

+351 935 590 196

+351 213 253 045/6

reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira online (BOL)

Pode adquirir os seus bilhetes online em <https://tnsc.bol.pt>

[www.saocarlos.pt](http://www.saocarlos.pt)



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

idealista

ANTENA 2

